

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar	

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal	60 rs. cada linha
Annuncios e comunicados	50 » » »
Repetições	25 » » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes	

A RUSSIA POLITICA E SOCIAL

XV

Vejamos a extensão e os limites actuaes da auctoridade suprema, a principio electiva, depois hereitaria em duas familias arabes, e assim transmittida á dynastia othomana.

O soberano pode innovar em materia civil e politica, mas é preciso que o muphti declare os actos do poder legislativo conforme á lei religiosa, e quando se julga offendido o livro divino, o sultan-padischah, isto é, o principe reinante, incorre na perda da soberania; mas estabelecendo leis novas nenhuma doutrina considera a sua vontade como base do direito ou a fonte do poder: d'onde se segue que nenhum principio se oppõe a que se organise o governo sob uma fórma qualquer, como nos ultimos thazimats, que o modificaram radicalmente, e onde a soberania ficou limitada pelas novas instituições livremente outorgadas.

Por estas o governo othomano, bem diferente agora, do que foi, quando o sultão delegava os seus poderes em dois altos funcionarios, o wisir, e o ckeik-ul-islam, se tornou uma especie de monarchia temperada mais proxima dos governos liberaes que dos absolutos.

Quando os sultões governavam arbitrariamente, o divan era ao mesmo tempo um conselho d'estado, um tribunal supremo, e o órgão das altas funcções administrativas.

Hoje essa enorme confusão de poderes já não existe.

O divan converte-se ás vezes em grande conselho nacional com todas as altas dignidades politicas judiciaes e militares.

Abaixo d'elle está o conselho d'estado e de justiça, que redige os decretos, dá o seu parecer sobre todas as instrucções dirigidas aos funcionarios, sobre as denuncias que os accusam, faz um relatório dos trabalhos de cada anno, examina os projectos de lei; é tambem um tribunal de justiça, julga os abusos, e os crimes contra o estado, e primeiro que o sultão revê as sentenças de morte afim de conhecer quaes devem ser sancionadas.

O governo completa-se pelos ministerios independentes, e pelos conselhos adjuntos a cada um d'elles, e a estes conselhos foi dada a iniciativa das leis.

O wisir é hoje como um presidente de ministros.

XVI

Emquanto ao ckeik-ul-islam é ainda o interprete da lei, e chefe do ulema, funcionario civil e religioso, como religioso som poder espiritual como nós o concebemos, isto é, sem ligar e desligar, e sem discutir ou impugnar o valor e utilidade civil dos actos legislativos, restringe-se a considerá-los nas suas relações com os preceitos do livro sagrado: como civil, fiscalisa a administração dos bens legados as mesquitas e ás escolas; professa em algumas occasiões

solemnemente, assiste aos exames, passa diplomas, despacha para as cadeiras da capital e das provincias, escolhe os muphtis, ou interpretes da lei nas grandes cidades, confere empregos, beneficios, e dotações aos professores disponiveis, propõe ao sultão por intermedio do wisir os moflahs ou juizes de 1.ª ordem, e propõe e dá a investidura aos de 2.ª, e nomeia independentemente os de 3.ª. A sua principal funcção é a de advogado geral, mas simplesmente consultante. E' o sultão que o nomeia e depõe.

Sendo aos olhos do povo o defensor dos kuran o seu voto ainda que passivo pode offerecer aos actos do soberano uma série de resistencias, que este sempre vence nomeando outro. Instituido por Mahomet 2.º o scheik-ul-islam foi durante um seculo apenas o primeiro magistrado de Constantinopla, mas Suleiman fel-o chefe dos patriarchas, elevou-o acima de todos os ulemas, e deu-lhe a jurisdicção suprema sobre a magistratura e o corpo docente.

Temos desfeito muitos erros e illusões sobre a indole e as fórmas politicas do imperio othomano, que reputavam immudaveis.

Os seus principaes defeitos, a nosso vêr, consistem nos tribunaes correccionaes formados do pachá governador e dos membros dos conselhos eleitos, no papel nullo, sem verdadeira entidade politica, que estes desempenham, e na exclusão dos não mossulmanos do exercicio dos poderes civis e politicos exclusão lá abolida em principio no hattí humaium de Abdul-Mejdid, mas ainda vigorando nos codigos, e finalmente nos abusos e vexames dos funcionarios.

Se o islamismo não acha em contradicção com o espirito e as fórmas de civilização europêa, não é menos verdade, que muitas tentativas em modificar as instituições civis e politicas tem sido inuteis, e que os decretos reformadores apenas conseguem o esgarçamento dos altos funcionarios.

O que é que impede e invalida as reformas?

São os codigos, são as falsas interpretações dos dogmas que passaram a leis escriptas.

O espirito mussulmano foi-se alterando principalmente depois que os padischahs turcos substituíram os kalifas arabes. Para isso concorreram todos os interpretes do ai-kur'ann, os legistas do imperio othomano, de modo, que o islaismo não é já o que foi nos seus primeiros tempos: os commentarios succederam ao livro sagrado: o dogma de Nefessy aos commentarios: e finalmente a celebre lei de Ibrahim Heleby succedeu a todas as leis propheticas: assim o codigo de Mahomet existe hoje como formula vã a par das leis vigentes dos Islam. São portanto as leis novas e não os dogmas genuinos, os costumes abusivos, e não os principios religiosos, são os commentarios sofisticos, que chegaram a constituir um corpo de doutrina juridica, que deu o nome de Multeka—(confluyente dos mares)—o principal obstaculo a todas as reformas.

A rasão porque estas se tor-

nam inefficazes, está em que deixam sobreviver-lhes aquelle codigo que as contradiz e annula na pratica. D'ahi o seu adiamento indefinido, a oscillação, o estado equivoquo do imperio e o mau exito de todas as tentativas em obter a unidade social e politica das racas diferentes, que o compõe, os rayas e os turcos.

E' lá onde estão os motivos e os pretextos, á sombra dos quaes os pachás e os outros magistrados commettem mil excessos e arbitrariedades.

Outra causa da inutilidade das reformas é os proprios decretos ou firmans, em que vêm consignadas, se contradizerem nos principios que proclamam; um artigo essencial oppõe-se a outro; e nada mais era preciso para que fossem irrealisaveis.

Mas como não ha uma theocracia nem sacerdocio, ou poder espiritual distincto, como por outro lado qualquer interpretação sancionada pelo cheik-ul-islam o chefe da lei, é facilmente aceite, o al-kur'ann na sua essencia com forme ás reformas que se desejam, o ulema desde ha muito progressista e um instrumento das revoluções como se viu na queda de Abd-ul-Azzis, não duvidamos asseverar que uma vontade enérgica e uma tactica habil venceriam as resistencias que ainda obstam á transformação do imperio othomano

Lourenço d'Almeida Medeiros.

A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Vamos á tarefa semanal da revista dos «unidos», a quem os ultimos acontecimentos, quasi que desuniam.

E' necessario que passem mais alguns luados, e só quando se avistar no Oriente ou Occidente algum signal presagio de desgraça, é que deve haver receio pelo esphacellamento da hybrida união.

Por emquanto, ainda subsiste a communhão de interesses, pois ambos trabalham para o mesmo fim; porém, quando viér a autonomia, então, voltará uma lucta mais encarniçada do que a d'out'ora, volverá á baila todo o passado, deslilará novamente toda a procissão de vituperios e verdades amargas.

Teremos um magnifico espectáculo.

Tem hoje, como deve ter sempre, a preferéncia, a «irmã», visto o seu sexo.

Queixa-se ella que, em 1899, a quizeram colher, por meio de réde habilmente lançada, mas ella resistiu.

Nem outra cousa era de esperar da sua reconhecida honestidade.

A tentativa da pesca não foi, porém, feita á réde, mas sim a anzol, e a «irmã» enguliu a isca, enguliu o anzol, com a maior sofreguidão, não offerecendo a menor resistencia á sua colheita.

O pescador, porém, quando viu o peixe fóra da agua, logo se con-

venceu que a qualidade não correspondia á sua expectativa. Enganou-se, e, por isso, cortou a linha e perdeu a isca e o anzol, e tambem perdeu o peixe, que tudo enguliu.

Era guloso.

Não houve prejuizo para o pescador, porque ha peixes, que são caros pela salga.

A moralidade chegou á nossa porta e parou—diz a «irmã».

Não parou, cabiu moribunda, queixando-se de que a irmã a tinha assassinado.

Tivemos caridade, e fizemo-la conduzir a local proprio, onde podesse ser convenientemente tratada.

O seu estado é cada vez mais melindroso, não havendo esperanças de a salvar.

Perdeu a irmã a sua moralidade, porque a matou. Será possível arranjar outra?

De certo não.

Diz a «irmã» que a estrada do apeadeiro de Cortegaça está custando á Camara o tripulo de que custaria, se houvesse quem soubesse administrar e dirigir o serviço.

Mostra-se magoada com estes desperdicios.

Quasi que tem razão.

O vereador da freguezia, a cargo de quem está a inspecção d'este serviço, não sabe administrar o que é d'elle, quanto mais o que é dos outros.

Para obstar, porém, a estes inconvenientes, consta-nos que a «irmã» vae abrir um Curso nocturno, aonde ensinará, com vantagem, a melhor forma de applicar os dinheiros municipaes, ou particulares, ou de qualquer proveniencia; o meio de fazer estradas ou melhoramentos sem dispendio algum para as pessoas, a quem aproveitam, mas á custa do cofre Camarario, o processo para dar gratuitamente terrenos municipaes, que valem contos de reis, sem que com isso se prejudique a camara e ainda terá uma secção de prestidigitación para ensinar como apparecem ou desaparecem dinheiros da venda de mattos, sem que os espectadores possam explicar a sorte.

Habilitados discipulos em tal eschola, então desaparecerão os inconvenientes apontados sobre a estrada de Cortegaça.

E' convicção nossa, porém, que o vereador da freguezia de Cortegaça, não se matricula no projectado curso, porque nunca leu, nem lerá pela cartilha, que a «irmã» quer fazer adoptar na aula que vae abrir. Até hoje só a «irmã» se lembrou de duvidar da probidade do sr. Coutinho.

Vá bater a outra porta «irmã-sinhã».

Quasi que não conheciamos a «irmã» por nos fallar de *borla* e sem *capello* sobre o caso do legado Ferrer.

A «irmã» tem uma predilecção

extraordinaria, pelos realejos, que hoje tão banidos estão do nosso paiz, e porisso estafa sempre a mesma aria, não chegando a perceber, que a gaita está desafinada.

Leia, pois, o que já escrevemos, e que não repetimos, e verá que era bem melhor mudar de musica.

Não persista no erro, nem seja incoherente.

O «irmão» não gostou que nós disséssemos que era puchadinho o preço do annuncio publicado no seu órgão, que custou á Camara a quantia de 44\$375 reis.

Chama-nos ignorante, affirmando que desconhecemos a lei, então vigente, e diz-nos que é a de 12 de Setembro de 1887, transcrevendo varios artigos com o fim de provar que a razão está do lado d'elle.

Era bem melhor ter-se callado. No Diario da receita e despesa da Camara, relativo ao anno de 1893, encontra-se escripturado o mandado n.º 478 da importancia de 44\$375 reis, dizendo-se ahi: «Idem ao mesmo (Placido Augusto Veiga) a importancia das publicações no jornal «Ovarense», annunciando a subdivisão do contingente militar no corrente anno, bem como designando dia em que se procedeu ao sorteio dos manebos sujeitos ao serviço militar no corrente anno, conforme os jornaes e conta junta ao mandado n.º 478».

Ora, pagar 44\$375 rs. por um annuncio em que apenas se diga qual é o dia do sorteio, e qual o numero de praças que tem de dar cada uma das sete freguezias do concelho, é forte.

Nesse mandado não se faz a mais leve referencia ao resultado do sorteio.

E demais, a lei, exigia que se publicasse nos jornaes o dia do sorteio, e tambem o resultado d'este, mas não o exigia para a subdivisão do contingente (regulamento de 29 d'outubro de 1891 art.º 63, 65 § unico, e 73.)

Era este regulamento, que vigorava em 1893, que conheciamos e conhecemos, não sendo, pois, nós os ignorantes.

E, visto estarmos de a mão na massa, a titulo de curiosidade, não podemos deixar de não dizer quanto recebeu da Camara o proprietario do «Ovarense» nos tres annos da gerencia do seu director.

Em 1898:

De impressos e annuncios 135\$820

Em 1894:

De impressos e annuncios 168\$345

Em 1895:

Da mesma proveniencia e tambem de Calhau 315\$890

O que tudo somma rs. 620\$055

N'este ultimo anno, o Calhau importou em 243\$200 rs., e assim, os annuncios e impressos em 72\$690 rs., menos da metade do que foi preciso gastar nos dois annos anteriores.

Houve economia no papel, não ha duvida; mas gastou-se muito mais em pedra.

Pelas theorias do «irmão», o capitão do porto tem de conhecer de todas as questões, que haja entre arraes e pescadores, quer proveniente dos contractos marítimos, quer d'outros contractos particulares.

E' mais um fóro especial, que existe para os pescadores.

Ficamos sabendo, desconhecendo comtudo a lei, que tal estipulou.

Volta o Léro-Gaio á scena, como crédor do arraes; basta o «irmão» dizel-o para toda a gente o acreditar, porque mesmo tem fé.

O Léro-Gaio, e os outros nas condições d'elle, quando precisam de quantias mais ou menos avultadas para as suas posses, como não têm meios de as garantirem, porque a hypotheca nada garante, em razão de o predio que possuem não chegar sequer para as custas da execução, vendem sob a condição facia de tornarem a comprar pelo preço, que receberam de emprestimo.

E' uma venda a retro disfarçada, mas o vendedor confia sempre no seu arraes.

N'estas condições, emquanto o arraes não estiver pago pontualmente de todo o dinheiro, que desembolsou, não tem obrigação de abrir mão do predio, que para elle, pouco ou nenhum valor tem.

E para resolver estas questões não tem o Capitão do porto competência.

A razão do barulho, que o «irmão» faz com um cazo tão simples, está em elle, como confessa, estar em lucta clara com os arraes, e tambem em o Léro-Gaio querer ser da *Esperança*; mas isto não lhe costuma durar muito tempo.

Satisfazendo ao répto do «irmão», dir-lhe-hemos que, ha annos, instou vivamente com o Sr. Manoel d'Oliveira Manarte, para que, de sociedade com elle e com mais alguém, organisasse uma Companhia de pesca.

Para isto houve uma conferencia com o sr. Manarte em caza do sr. Manoel Rodrigues Caetano, na Ponte-Nova.

Não podemos ser mais claros.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

XII

Ainda sobre o firmamento

Para os astrónomos—note-se bem—ainda em 1853 era anticipada

e precipitada a inferencia, que na minha ousadia tirei da marcha do cometa d'Encke.

1.º porque eram considerados os cometas fóra do systema geral da attracção ou sujeitos a leis particulares não conhecidas.

2.º porque se uns se aproximam do sol, outros se afastam, e outros se perdem nos espaços sem nunca mais voltarem.

3.º porque se attendia á enorme differença de densidade entre elles e os planetas; tão teneus são, que muitas vezes a terra atravessa a causa d'alguns sem inconveniente, e sem se dar por isso—eis porque a resistencia do ether podia influir no seu movimento.

4.º porque de um facto relativo a um cometa nada concluíam para os outros corpos celestes—tudo o que sabiam oppunha-se á generalisação d'esse facto.

Ora eu generalisei sem reparo o que os grandes espiritos scientificos, sempre mui rigorosos, limitavam ao cometa d'Encke, onde esse facto foi observado, ou calculado.

Taes razões não me impediram de conjecturar a desgraça dos mundos, que comtudo não suppunha eterna, como se vê, e mostrei nas ultimas estrophes.

E esta supposição, ou antes inducção, tambem não é gratuita ou meramente filha da phantasia, vem de leis phisicas rigorosas, a que n'ellas se allude.

Foi em 1804, que Laplace publicou a sua—*Exposição do Systema do Mundo* e só em 1822 é que o astrónomo Encke annunciou a diminuição gradual do tempo, que duram as revoluções do cometa do seu nome, e portanto o encurtamento successivo da sua orbita.

Esta descoberta nem podia ser indicada sequer n'aquelle livro, que lhe é anterior 18 annos—nem a inducção, que tirei lá se acha baseada n'outro qualquer facto, porque todas as conclusões do autor a contradizem.

E apesar de ser conhecida desde 1822, attribuiu-se á mesma causa que produz as perturbações dos globos, e não á resistencia do ether—porque a isto se oppunha outro facto mui importante observado n'outro cometa—o de Lexell—este em 1770 atravessou a orbita de Jupiter, e o tempo da sua revolução, que era de cincoenta annos, baixou a cinco e meio—uma tão grande differença, e repentina, excluía o ether da explicação do mesmo facto—o effeito da sua resistencia não pode ser senão lentissimo.

Para um espirito dado a taes problemas ser capaz em 1853 ou 54 de suppôr a queda futura dos planetas no astro da luz, isto é,

para inferir-a da resistencia do ether era preciso:

1.º—Ou, que fosse uma alta capacidade scientifica para que sem embargo dos factos e objecções, que expozemos, viesse apurar e demonstrar essa hypothese—e tanto mais quanto é certo que então muitos, longe de inferir-a da existencia do ether, argumentavam pelo contrario contra a sua existencia com a marcha das espheras, dizendo, que se o ether existisse, deviam estas retardar-se, mas que nenhum symptoma em astronomia accusava semelhante effeito. (note-se)

2.º—Ou não sendo um genio, era preciso para generalisar a todos os globos o facto relativo ao cometa d'Encke, que ignorasse as objecções dos competentes á influencia do ether—porque se as conhecesse nada tinha para encontrar-as, influencia, que hoje se reconhece embora não seja sensível nas observações astronomicas—mas n'este caso era preciso ainda ter alguma luz dos principios, com quem jogam taes problemas, porque, não os tendo, nada podia concluir, ou imaginar, ácerca d'elles.

3.º—Era preciso não ignorar pelo menos esse facto, o unico, que fornecia a conjectura, de que estamos fallando.

O sr. Passos, para quem a poesia do «*Firmamento*», quando m'a ouviu recitar, era como se fosse um monstro ante-diluviano, que estivesse a ver sahir d'alguma caverna, o sr. Passos, na ignorancia absoluta ácerca d'ella, e que era *ingenial* até um ponto extraordinario, como podem attestal-o os que melhor o conheceram, como o sr. arcebispo de Calcedonia, como é, que em alguns dias concebeu principios, que ignorava, ou antes adivinhou, imaginou, suppoz, e inferiu d'elles, creou duvidas, debateu-as, e resolveu-as, em assumpto, que lhe era estranho, e assim realisou o impossivel escrevendo o *Firmamento*?

Responda quem fôr sensato. Seria curioso ouvil-o sobre os motivos de cada estancia—se eu soubesse do seu abuso de conlancia, obrigar-o-hia a explicar diante de um jury competente, d'onde, de que principios lhe foram suggeridos esses versos, de que modo se geraram no seu espirito, morreu sem nos dar esses momentos de hilariedade!

Continuando a revelar os mizermentos relativos á composiçao de cada estancia, os quaes patenteiam a grosseira impostura do sr. Passos, direi hoje, que o proprio Laplace falla da materia cosmica, onde ás vezes apparecem clarões de cores mui

vivas, falla pois de um estado da materia superior ao do ether, o qual é muito menos denso, portanto menos resistente e comtudo diz que não offerece «*resistencia alguma á marcha dos corpos celestes*».

E foi do *Systema do Mundo*, da obra do grande geometra, que o inconsciente Passos extrahiu o *Firmamento*!

Eu não faço senão repetir o que já escripto em trinta e dois longos artigos publicados em 1886 no *Districto d'Aveiro*, enviados ao sr. Theophilo Braga, dos quaes me accusou a recepção (pelo menos d'alguns), e não quer que eu me ria do que deixou cahir da sua penna nas famosas *Ideas Modernas*, publicadas seis annos depois?

Não quer decerto; mas um sabio glorificado deve ser mais cauteloso do que é o sr. Theophilo nas suas affirmativas.

XIII

Quando o sr. Passos fingiu, que a leitura de Laplace (!) suggerira o *Firmamento*, mentia, mas não tinha consciencia do que era sua mentira.

Leia-se o Tratado de Astronomia de John Herchell, acrescentado e reformado em 1849, e traduzido por Vergnaud em 1854 (um anno depois de composto o *Firmamento*)—pg. 366.

«E' evidente, que o theorema dinamico sendo geral e applicando se a um qualquer numero de centros fixos como tambem a qualquer distribuição d'estes centros no espaço, o resultado seria sempre o mesmo, fosse qual fosse o numero dos astros perturbados, sómente os periodos da perturbação se complicariam—isto é—os grandes eixos das orbitas e por consequencia os seus movimentos medios e os seus tempos não estão sujeitos senão a variações «*periodicas*»—um anno no *lapso infinito das idades* não tende nem a augmentar nem a diminuir—os planetas não se afastam do sol, nem se aproximam indefinitamente, mas continuam a girar «*para sempre*» em orbitas quasi as mesmas.

Pg. 367—«*Este theorema, a grande carta do nosso systema, é considerado o mais importante de quantos occuparam o espirito dos cultores da sciencia*».

O sr. Passos, o inconsciente Passos, inspirando-se (!) de Laplace, rasgou a *grande carta*!

Leia-se Babinet — *Etudes et Lectures*, tomo 4.º—pg. 239.—«Foi precisamente das *leis do coseno*, que regulam o mundo inteiro, d'onde Laplace colheu as bellas «*verdades*» sobre a *permanencia* do

systema planetar—os seculos e as revoluções dos corpos celestes são «*impotentes* para fazer sahir o universo dos seus limites.»

Pag. 240 «O estado medio do mundo solar é tão «*estavel* como se não tivesse a soffrer estas ligeiras modificações—Laplace não reconheceu cousa alguma, que possa alterar o universo, cuja estabilidade assegurou para sempre».

E o sr. Passos, o inconsciente Passos, inspirou-se de Laplace para compor o *Firmamento*!

Leia-se ainda—pag. 147—«Alguns espiritos de primeira ordem, como Laplace na sua—*Exposição do Systema do Mundo*—preferiram um pequeno numero de leitores ao ingrato e difficil empenho de tornar a sciencia accessivel a todos.

Eu não poderia descrever nunca o desgano de muitos litteratos distinctos, que na fé d'esse grande nome se aventuram a abrir o «*Systema do Mundo*»—este livro, se fosse possivel escrevel-o em hebreu com caracteres chinezes não teria causado maior espanto.»

E o nosso Passos, em mui pouco tempo, o leu, o entendeu e concluiu contra toda a sua doutrina, contra as leis, d'onde Laplace colheu as *bellas verdades* sobre a permanencia do systema dos mundos, cuja estabilidade assegurou para sempre!!

Acudiram ao seu espirito os principios, que ignorava, conjecturou, e tirou illações originaes... e escreveu... a minha poesia!

E para que os leitores saibam que não estou inventando nem exagerando, queiram notar n'um artigo, que acerca do plagiario escreveu o sr. Xavier Cordeiro, a passagem seguinte:

«Depois de uma conversa, que se travou entre Soares de Passos e o seu amigo, o sr. Eduardo Augusto Falcão, que queria a poesia da sciencia na arte moderna, e quasi não admittia outra, levou-lhe este um dia o *Systema do Mundo* de Laplace—«o poeta leu-o e *d'ahi a muito pouco tempo*, diz-me o sr. Falcão, apresentou-lhe a ode o *Firmamento*, perguntando-lhe—se havia alli a poesia da sciencia!»

E as paredes não se riram?!

Podia o sr. Falcão extranhar, que a poesia, supposta ser d'um Passos, e extrahida do *Systema do Mundo*, contrariasse toda a sua doutrina, mas nada fazendo-lhe suspeitar uma fraude, calou-se diante do phenomeno, e até admirou o illustre vate, assim como o auctor da sua biografia.

Mas o sr. Theophilo não tem desculpa alguma de vir contestar-me em 1892 n'um livro, onde se mostra tão pouco habilitado para a questão, que decide (!), co-

FOLHETIM

Um Retiro

Ao grande poeta o Sr. Raymundo de Bulhão Pato

Arvores do meu lar, ao receber-me agora,
Pareceis haver dado um intimo gemido...
Recordando talvez que a vossa rama outrora
A infancia me abrigou, que entre vós ha corrido.

Acolha-me outra vez o vosso asylo santo;
Do astro d'este ceos aspirar venho o lume;
Agora revesti o antigo e verde manto;
Exalai d'outro tempo, ó rosas, o perfume!

Meu pai, que vos amou, eu julgo vél-o ainda,
O ar bondoso e nobre, affavel, imponente,
Qual m'o retrata e aviva uma saudade infinda,
Ao vosso remurmurio andar serenamente!

Quero tornar a vêr o globo radioso,
Defronte do jardim, sobranceiro á planura,
Tal como parecia, ao descer vagaroso,
Junto de minha mãe olhar-me com ternural

As dhalias eis alli a tímida coroua.
Virando aos febris-electricos fulgores...
Já então a indagar que mão a desenrola,
Sobre ellas eu detinha os olhos scismadores!...

Embebida no mar quero vêr como outrora
A molle e branca areia um labio semelhando,
Que á terra sequiosa enrubescer e descora,
E a vaga a enlanguecer beija de quando em quando.

A' tarde a negrear nas orlas da paizagem
Dos pinhos quero vêr os grupos isolados.
Que estampando na relva a sua longa imagem
Lá deixam transluzir os raios descorados:

Os montes d'outro lado os hombros arqueando,
Silenciosos, nús, erguidos, corpulentos,
Que as vagas no oceano ouviam murmurando,
E ao meu fundo scismar estavam como attentos:

As nevoas, que a manhã mimosa purpureia,
Os cerros envolvendo assim como turbantes:
O Vouga, que luzindo as varzêas entremeia,
De distancia em distancia as torres alvejantes:

Onde a figueira espalma a larga folha lisa,
A velha e alegre fonte ainda soluçando.
As urnas para o ceo viradas em que a brisa
Se perfuma e depois revôa, perfumando.

Em chammias como arder a flôr da romanzeira;
A vaga borboleta os aromas sorvendo;
As folhas que despega a viração ligeira;
E os troncos ao redor as sombras estendendo:

No seio roxo azul dos lyrios de velludo;
Das searas no véu assetinado e louro;
Nos gomos virginaes, nas plumulas, em tudo,
A's auroras cahir a fina chuva d'ouro,

Aqui immenso amor m'enleia á natureza!
Não sei o que me prende ás solitarias flôres,
Do sol cheio de vida á perennal belleza,
A' terra abrindo o seio a os raios creadores!

Ainda a vida, ó luz, com ancia aqui desejo;
A essencia, que immortal jámais se contamina,
Me apraz sentir aqui ao teu fervente beijo,
Pareces vir de Deus, quem sabe se és divina!

Folgo de vêr contigo as arvores folgando;
E por entre a verdura os jasmims estrellantes;
O mais pequeno insecto as azas desdabrando;
As dhalias em cardume... e tudo como dantes!

De ti não sei que vem, ó bella e maga scena,
Das arvores, da luz, do mar, e da campina...
Que me attrahe, e m'encanta, e me affaga, e serena...
E m'enternece agora, e sempre me domina!

Nos verdes laranjaes as auras recedentes
Emballem outra vez o meu tranquillo somno...
A ti, saudoso valle, a estas ramas virentes,
Ao teu grato silencio, a minh'alma abandono!

Aveiro—1872.

Luiz de Almeida Medeiros.

mo o plagiario estava para escrever o Firmamento. E 14 annos depois no escriptorio de um distincto advogado, em Lisboa, se deixa dizer, que assim como elle sabe muitas sciencias, tambem o Passos as podia saber,—d'onde se vê, que ainda agora não está mais adiantado apezar das minhas informações e **Incontestaveis** argumentos. Omitto os testemunhos.

A'quelles, que perguntam porque não reclamei durante a vida do sr. Passos, já respondi, que antes de se retirar do theatro das suas glorias não soube do inconsiderado e ridiculo abuso de confiança, que o illustrou.

Mas em presença do que tenho exposto, como se pode julgar em mim qualquer hesitação em confundir o plagiario?

Ouvindo o sr. Falcão interessar-se tanto pela poesia da sciencia, porque não lhe mostrou antes da leitura (!) do *Systema do Mundo* o **Firmamento**, que trouxe de Coimbra?

Certamente n'essas conversas se revelara ou confessara ignorante em sciencias, e faltava-lhe um pretexto para se inculcar como seu auctor.

E os leitores tem visto, que muitas reflexões e conjecturas de caracter scientifico antecederam a composição do Firmamento, e ainda não acabei d'expol-as e das que restam são algumas mui importantes.

Aquelle pretexto julgou achal-o no emprestimo do *Systema do Mundo*, e simulou, que d'ahi se inspirara e extrahira o meu pobre canto—mas esbarrou n'esse embuste, como provamos em demasia.

Lourenço d'Almeida Medeiros.

Errata do n.º antecedente

Onde se lê—em tudo influe o mesmo elemento—deve lêr-se—em tudo influe o mesmo alento.

Onde se lê—em globos que parte descobrem—deve ler-se—em globos que por ti discorrem.

Onde se lê—no rouxinol descantos—deve ler-se—no rouxinol descanta.

Na poesia—O primeiro pesar

Onde se lê—Trechos Lamartine—deve ler-se—Trechos de Lamartine.

Onde se lê—O goivo em roda esconde entre as moites humidas—deve ler-se—Em roda o goivo esconde entre as moites unidas.

Onde se lê—E de certo distante dos verdes arvoredos—deve ler-se—E do cerro distante aos verdes arvoredos.

Onde se lê—Seu pallido rosto—deve ler-se—O seu pa lido rosto.

Onde se lê—Figure-se no largo—deve ler-se—Figure-se no lago...

Onde se lê—Apenas pastor, se acaso descobriu—deve ler-se—Sómente algum pastor, se acaso o descobriu.

LEMBRANÇA

(Continuação)

(Ao meu presado amigo Augusto da Costa e Pinho, como prova de estima e dedicação).

O ar estava sereno e tepido, o ceu limpo e azul, de um azul tão formoso e benigno que de certo já o teria exportado alguma companhia, se isso fosse possível.

Sentia-se, do O. e N., uma aragem impregnada d'aquelles deliciosos perfumes que avigoram o sangue e como que estimulam a alma.

Entraram no templo os dois personagens e prostraram-se reverentes deante da imagem do Santo Iortuguez. E depois de resarem o P. Nosso, Avé-Maria, gloria et Patre, e Salvé Rainha, o Antonio da Michaela disse para

o snr. Marques:—N'este momento peça ao Santo aquillo que quizer que tudo lhe será concedido. O snr. Marques em voz alta mas solemne principiou: «Oh milagroso Santo Antonio Advogado nosso e Padroeiro d'esta freguezia!... Permitti que a minha filha não queira para seu marido o Antonio da tia Michaela.» Considerem os leitores as circunstancias do facto, e n'este ponto verão que as consequencias não deveriam ser boas.

Porém uma testemunha affirmava o contrario; isto é, diz que o Antonio, com bons figados disse assim. Esse pedido não lhe pode ser permittido.

Peça o snr. outra coisa que immediatamente será contemplado. Continuou o velho:—«Oh milagroso Santo Antonio, Padroeiro d'esta freguezia, fazei com que eu venda o meu gado, no fim da safra, pelo duplo do que me custou.»

Apoz estas palavras ouviu-se uma voz dizer:—O teu pedido será um facto seguidamente realisado. Mas de quem sairiam estas palavras? Porventura seria o Santo quem falou? Não, não foi; ireis saber quem falou; antes, porém de dar a explicação direi que depois de tal acontecimento, o bom velho gostosamente concedeu licença á menina Izabel, para casar. No dia finalmente destinado para dar o laço matrimonial, o pae, da noiva, mandou que fizessem um jantar e convidou amigos.

E' certo que na hora propria da refeição, o snr. Marques, impressionado com a *dedication* dos convivas houve por bem demonstrar a todos, n'um habil discurso, o prazer que sentira pela filha haver contrahido as nupcias.

Sem duvida foi o Santo Antonio da Capella, disse o velho, quem ajuntou os conjuges d'este dia!

Com toda a certeza, disse o sachristão, fui eu quem ajuntei a todos porque fui eu tambem quem respondi detraz do altar, quando o snr. implorava a protecção do Santo!

Agosto de 1906.

Antonio Maria de Mattos.

Estudos de Psychologia Social

O SUICIDIO

L'influence du christianisme sur l'éducation moral des peuples, est le grand fait des temps modernes. Rossi.

Não sei se o grande economista traduz bem a realidade das cousas, quando affirma, sem restricções, que a «acção christã sobre a educação moral dos povos, é o grande facto dos tempos actuaes.»

Parece-me que se Rossi dissesse o contrario, não ficaria a verdade tão envergonhada, nem a historia moderna tão contrafeita.

Oh! como ficava bem, infelizmente para nós todos que nos fazemos pertencer a um seculo todo ancho de progressos, o pensamento de Rossi, revirado do avesso: *A influencia anti-christã sobre a educação moral dos povos, é o grande facto dos tempos modernos!*

Mas perdõe á boa intenção do philosopho a imparcialidade austera da historia, que pela minha parte já está perdoado. Effectivamente uma das causas, senão mesmo a causa fundamental, que leva o infeliz da sorte a abrir, com mão tremula, a porta falsa do suicidio que o subtrah á vida, é a ausencia d'uma educação civica solidamente christã, baseada nas doutrinações do Evangelho e nas prescrições da lei natural. E quando fallo nas doutrinas do Evangelho abstraio por completo

d'essas doutrinas que para ahi correm hoje, doutrinas d'um Evangelho theorico, ideal, pretisado, até, pelos sonhos tolstoianos que a Polonia derrama por todo o mundo, embrulhados nas brochuras do seu *Propheta-Idolo*.

Quando fallo das doutrinações do Evangelho, como semente da civilização e como sustentaculo do progresso, refirio-me ao Evangelho pratico que a Igreja infiltra, dosimetricamente com o avançar da idade infantil, em cada coração dos seus filhos e que lhes fica sendo o patrimonio mais sagrado da sua vida sobre a terra.

Estas verdades ensinadas logo ao alvorecer da existencia, embora abafadas depois pela paixão e vida estrondosa da virilidade, lá jazem sopitadas, como boa semente, no coração do homem; lá ficam adormecidas no cerebro que as recolheu e gasalhou em creancinha.

Na hora da tormenta, quando o baixel da nossa vida e da nossa fé está preste a encalhar no baixio do desespero ou da indifferença, então é que a semente d'essa educação christã desabrocha em rebentos magnificos e vigorosos, em flores de esperança que annunciam fructos de benção, em benções que nos trazem luz, refrigerio, alento e salvação.

A sociedade contemporanea não comprehende esta linguagem, ou finge não a comprehender. E' frivola como frivolas são as suas aspirações; mesquinha como mesquinhas os seus ideaes argentarios, utilitarios, terrenos simplesmente.

Esta sociedade, a que pertencemos todos hoje, divorciada, na sua maior parte, do sentimento religioso, caminha inconscientemente emballada nos braços do mais perfido indifferentismo religioso, de braço dado com a corrupção, que foi sempre o camaradello das nacionalidades passadas e que vae minando os alicerces das nações hodiernas.

Poder-me-hão dizer talvez que esse facto é uma lei da historia e do tempo, que se vem repercutindo desde a mais alta antiguidade sobre os destinos das nações; que o tempo esphacelára os imperios e as civilizações da Asia que precederam Grecia Roma; que a Grecia e Roma moribundas cederam passo aos barbaros cheios de vida que aproveitaram os elementos ainda não contaminados pela morte, caldeando-os com a sua raça viril para constituir o typo hybrido nas nacionalidades latinas. Mas esses povos e civilizações antigas, verminados pela corrupção ou pelos annos, fazem-me lembrar a carcassa ossea do leão biblico a produzir favos de mel para alimentar Sansões; as fibras d'esse organismo do mundo antigo, remoçadas por um sangue novo e extranho, tornaram-se immediatamente aptas para constituir o corpo harmonico de novas nacionalidades.

Hoje a sociedade moderna, tuberculizada phisica e moralmente, caminha, alumida por um progresso scientifico phantastico e artificial, para uma morte indefinida e lenta. N'esse caminhar para a morte segue o rumo da espiral, e tanto mais virtiginosamente caminha para o abysmo quanto mais se affasta do sentimento religioso, unica base do heroismo d'um povo.

A sociedade d'hoje traz-me ao pensamento um muribundo surdo e insensivel; surdo para não ouvir o arruido que um formigueiro de vermes, que lhe espera a hora do passamento, faz em redor do seu corpo, insensivel para não auscultar, adentro do seu organismo moral, o remexer de miasmas mortiferos que lhe minam a existencia.

Poderá brotar d'esse monturo um manuphar, muito candido e muito poetico (uma sociedade nova, louçã e *acolarinhada*) mas não passa d'uma flor ephemera, embo-

ra muita bella e primorosa. E' o futuro das nacionalidades europeas, subertudo latinas, que tanto blasonam do monopolio do progresso. E' preciso salvar a sociedade decadente. Se a base da sociedade é a familia, se a base da familia é o casamento, se a base do casamento é o amar mutuo dos conjuges, inspirado sempre pelo sentimento religioso e pela caridade reciproca que o Evangelho apostolisa, para salvaguardar a sociedade da epidemia do suicidio é indispensavel formar a familia nos moldes que o Christianismo nos vem ensinando em dois mil annos de progresso real e perfeitamente evolutivo.

Aniquillar a familia é perverter a sociedade, como aniquillar o amor conjugal é perverter a familia, como perverter a familia é perverter e debilitar a descendencia, a raça. Debilitar as raças é aniquillar o verdadeiro progresso.

Ao fallar do amor conjugal, como base da familia é como verdadei o elo de paz que prende os paes aos filhos, não posso deixar no olvido uma pagina d'um suicida celebre no nosso mundo litterario, Camillo Castello Branco, que n'uma carta a um amigo se exprimia assim:

«O amor o que é hoje, meu caro amigo? Uma vocação dos sentidos, instincto de sociabilidade, apêgo ao bello ideal da terra para os que não conhecem o bello ideal do ceo. Não penses que crimino os affectos: eu sei o que elles são na infancia; mas na infancia cega e preocupada quando as portas do mundo se nos abrem, como um salão de fadas com as suas milhares de lampadas que nos cegam o entendimento. Se entre a mulher que nos fascina, e o coração q e nos arde por ella estivessem puras as nossas crenças em Deus, como encarariamos nós a mulher que nos faz estremecer de goso? Um anjo; mas não um anjo d'hoje, e mulher de amanhã, e demonio do futuro; não, meu amigo, um anjo de toda a vida, thesouro de virtudes que lhe dotára a magnificencia de Deus, pagina em branco onde teriamos de escrever boa parte da nossa vida e talvez o documento mais valioso d'ella na presença do Eterno» *Horas de paz* pag. 178-179, primeira edição de 1865. Effectivamente como poderemos esperar que a familia seja a base da sociedade, se ella de per si pecca fundamentalmente na sua constituição organica, á mingua do primeiro requisito essencial que deve presidir á união dos dois esposos! Como poderemos esperar da familia contemporanea a acção social, bazarilar, nos destinos da humanidade, se a ideia religiosa que devia dar incremento ao amor, não passa d'um mytho, como o amor conjugal não passa d'uma formula obedecendo aos attractivos do interesse ou da paixão carnal? Para onde fugiu envergonhada a ideia religiosa que devia estreitar o amor dos paes, synthetisando-se no amor filial, deante do goso e das paixões que derrancam e pervertem o coração humano?

Perdoae-me mais uma citação de Camillo extractada da mesma pagina (179): «Como entramos nós no mundo, meu caro amigo?

«Com as ideias religiosas da infancia adormecidas, com o coração vasio d'aquella fé, que deixamos no berço, onde nos embalaram mãos de paes, que não podem depois encaminhar a nossa carreira por entre abysmos. E depois? O goso absoluto, a satisfação das paixões sem o intermedio da virtude, a sociedade a tantas sêdes repetidas e sempre ardentes, derranca-nos o espirito, gasta-nos o corpo, corrompe-nos o coração, e deixa-nos o vasio das tristes desillusões, que é o mesmo dizer, das tristes descrenças em Deus.»

O goso absoluto, o sonho doirado da sociedade a cujo numero pertencemos, recalca no coração o sentimento religioso, afugenta

do espirito a fé, para gastar-nos o corpo e deixar-nos o *vasio das tristes descrenças em Deus!*

Estas tristes descrenças em Deus, esta falta absoluta de fé, este indifferentismo religioso que se respira em todos os cantos, na cidade, nas villas, nos campos, nas tabernas, nas mercearias, em casa dos barbeiros, sapateiros...; este indifferentismo que se vae acclimatando na alma contemporanea e que transpira por todos os povos da sociedade moderna, contramina na marcha evolutiva, a acção da fé religiosa, principal perservativo contra a mania epidemica do suicidio.

(Continua).

Ovar—Augusto Moreira.

NOTICIARIO

FESTA DO MAR

Consta que uma commissão de cavalheiros, d'esta villa, tenciona fazer a festa do mar, na Costa do Furadouro, no proximo mez de Setembro.

Oxalá que depressa se confirme este boato.

—*A'vante Rapazes!*...

Do Pará

Chegou a esta villa, vindo do Pará, no dia 22, o Snr. José d'Oliveira Gomes.

Este nosso amigo veio acompanhado, de Lisboa, de seu cunhado o Snr. Francisco d'Oliveira Gomes.

PESCA

Continua sendo insignificantisimo o resultado da pesca na Costa do Furadouro.

SACHRISTÃO

Fez no domingo passado um anno que, o Snr. Serafim da Cruz Lebre, tomou posse do logar de sachristão da igreja matriz, d'esta villa, tendo tido um exemplar comportamento no exercicio das suas funcções.

AGUAS DA CURIA

Especificas no tratamento de doencas do figado e em diferentes especies de dematoses.

A' venda na pharmacia—Carlos Baptista—Largo da Praça—Ovar.

EDITAL

Districto de Recrutamento e Reserva n.º 24

Candido Passos d'Oliveira Valença, Tenente coronel de infantaria e Commandante do districto de Recrutamento e Reserva n.º 24.

Faço publico nos termos do § 2.º do artigo 75 do regulamento dos serviços de recrutamento de 24 de Dezembro de 1901, que a inspecção sanitaria tem logar nos dias abaixo designados nos Paços do Concelho d'Ovar deitando para effeito de comparencia á mesma, os mancebos recensados no corrente anno solicitar as guias (modelo 9) ao respectivo secretario da commissão do recenseamento.

Ovar nos dias 11 e 12 de Setembro.

Vallega no dia 13 de Setembro.

Cortegaça e S. Vicente de Pereira Jusão, 14 de Setembro.

Esmoriz, em 15 de Setembro.

Arada e Maceda, em 17 de Setembro.

Quartel em Aveiro, 22 d'Agosto de 1906.

O commandante, Candido P. d'Oliv. Valença, T.º C.º

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

Nesta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

ESTAÇÃO CALMOSA

(Entre dois TYPOS muito conhecidos)

A pedido d'uma DAMA FE... RENTIVEL,
Como uma rosa, N'UM JARDIM, AMÁVEM,
Vou mandar à FAVA a PINGA RECREVEM,
E arranjo uma JOIA FORMOSITIVEL,

OIBES?... ABENÇOADO SEJAS TU...
ANDAS BEM... ARRANJA ISSO...
MANDA O VINHO A' FAVA... Oibes?...
E' MELHOR A JOIA... E' VERDADE ISSO...

Ora do LUZIO, VINHISMOi
E' ESPECIATIVEL, esplend smo!...

E' MESMO... EU SEI D'ISSO...
E POR AHI TODA A GENTE diz isso...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco
ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

OFFICINA E ESTABELECIMENTO

DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madelra

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

CAZAS

Quem pretender comprar uma morada de cazas altas, novas, com quintal, armazem, poço e agua encanada, sita na Estação proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva; da mesma rua, ou a esta redacção.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR